

RESENHA - ANÁLISE DO DISCURSO: PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS

REVIEW - DISCOURSE ANALYSIS: PRINCIPLES AND PROCEDURES

Elizete Beatriz Azambuja
Doutoranda em Linguística
UEG – Unidade de São Luís de Montes Belos

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

Eni Orlandi constrói, nessa obra, uma interessante e consistente proposta de reflexão sobre a linguagem, o sujeito, a história e a ideologia. Para isso, a autora organiza o seu livro em três capítulos: “O discurso”, “Sujeito, história e linguagem” e “Dispositivo de análise”.

No I Capítulo, Orlandi retoma o fato de o estudo da Linguística concentrar a atenção na língua como sistema de signos e a Gramática normativa nas normas do bem dizer. Isso para introduzir a discussão de que a Análise de Discurso não trata da língua, tampouco da Gramática, embora tenha interesse por ambas.

Nesse espaço, a autora preocupa-se em discutir que o discurso é “lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia” (p. 17).

Orlandi informa sobre os estudos que antecedem e preparam o campo para a Análise de Discurso. Também aborda sobre os três domínios disciplinares, Linguística, Marxismo e Psicanálise, assim como os deslocamentos produzidos pela Análise de Discurso (doravante, AD). Orlandi argumenta que podemos dizer que a AD pressupõe a psicanálise, a linguística e o marxismo. Constitui-se como uma disciplina de entremeio, fazendo-se na contradição dos três campos do saber. Dito de outro modo, a análise de discurso se faz entre a linguística e as ciências sociais. Se, por um lado, interroga a linguística que exclui o que é histórico-social ao pensar a linguagem, por outro lado interroga as ciências sociais na medida em que estas não consideram a linguagem em sua materialidade. A análise de discurso faz isso sem, no entanto, ser uma resposta a essas questões. Mostra que para responder ao

que interroga é necessário um deslocamento de terreno e constituir outra região teórica em que a relação entre o sócio-histórico e o linguístico é constitutiva. Ou seja, o que liga o dizer a sua exterioridade constitui o próprio dizer.

Um dos recortes teóricos apontados pela autora é a relação língua e discurso. Assim, no quadro teórico da Análise de Discurso, “nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos” (p. 22).

No capítulo II, Orlandi faz uma abordagem da conjuntura intelectual da AD e do dispositivo teórico. Assim, a teoria em pauta coloca a interpretação em questão, distinguindo-se da Hermenêutica. A análise não se restringe à interpretação em si, tampouco procura uma chave para isso. Neste ponto de vista teórico, não existe verdade oculta em quaisquer textos. O que há são gestos de interpretação que o analista deverá buscar compreender.

Com o intuito de explicitar claramente a relação entre o dispositivo teórico da AD e os dispositivos analíticos, Eni Orlandi remete-se ao enunciado “Vote sem medo”, inscrito em uma faixa preta durante época de eleições num campus universitário. A partir desse enunciado, a autora desenvolve um exemplo de análise discursiva que explora ao longo do seu livro. Faz isso, discutindo os sentidos que são mobilizados pelos sujeitos que produziram tal enunciado.

Nessa perspectiva, Orlandi trata de uma série de conceitos básicos que sustenta essa teoria, como condições de produção e interdiscurso, esquecimentos, paráfrase e polissemia, formações imaginárias, formação discursiva, ideologia, sujeito e sua forma histórica.

Entre os “pontos fortes” da Análise de Discurso, Orlandi discute a noção de ideologia. Para isso, pontua sobre o modo que é concebida pelas ciências humanas e sociais. Como essas ciências consideram que a linguagem é transparente, elas visam os conteúdos ideológicos, compreendendo a ideologia como ocultação. Assim, essas ciências pensam que se podem descobrir os “verdadeiros” sentidos do discurso que estariam escondidos.

Para a autora, é possível dizer que a ideologia representa a saturação, o efeito de completude que, por sua vez, produz o efeito de “evidência”, sustentando-se sobre o já-dito, os sentidos institucionalizados, admitidos por todos como “naturais”. Na ideologia, não há ocultação de sentidos, mas apagamento do processo de sua constituição. Conforme Orlandi, “o trabalho ideológico é um trabalho de memória e do esquecimento, pois é quando passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito de literalidade, a impressão do sentido-lá”. Complementando a ideia, Orlandi argumenta que “é justamente quando esquecemos quem disse ‘colonização’, quando, onde e por que, que o sentido de colonização produz seus efeitos” (p. 49).

Finalizando o capítulo, Orlandi discute a incompletude como a condição da linguagem, visto que os sujeitos e os sentidos não estão completos. Ela afirma que “homens e sentidos fazem seus percursos, mantêm a linha, se detêm junto às margens, ultrapassam limites, transbordam, refluem”. Assim, isso acontece “no discurso, no movimento do simbólico, que não se fecha e que tem na língua e na história sua materialidade” (p. 53).

No capítulo III, “Dispositivo de análise”, a autora discute a necessidade de refletir sobre esse dispositivo e o modo de proceder do analista. Para isso, retoma a proposta da teoria que é construir um dispositivo de interpretação. Nesse ponto, reporta-se ao fato de a língua funcionar ideologicamente e de o sentido ter uma materialidade lingüística e histórica.

Ao abordar sobre a posição em que trabalha o analista de discurso, Orlandi alerta que não se trata de uma posição neutra, mas relativizada diante da interpretação. Para isso é necessário que invista “na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico” (p. 61). Dito de outro modo, é preciso que o analista considere o trabalho da ideologia, sem se tornar vítima dos efeitos produzidos por ela.

Na discussão que desenvolve sobre os procedimentos referentes à constituição e delimitação do *corpus*, a autora afirma que ele, *corpus*, é resultante de uma construção do pesquisador. Além disso, a “análise é um processo que começa

pelo próprio estabelecimento do *corpus* e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza” (p.64).

Na sequência de sua obra, Orlandi cita Ducrot para distinguir a função enunciativa do locutor e a do enunciador. Enquanto o primeiro é aquele que se representa como “eu” no discurso, o último é a perspectiva que esse “eu” constrói.

Ainda nesse tópico intitulado “Função-autor”, Orlandi também se remete a Foucault (1971) que considera que há processos internos de controle e delimitação do discurso. Esses processos se dão a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição. Para Foucault, o autor é o princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações, núcleo de sua coerência. Nessa perspectiva, o autor é responsável pelo texto que produz.

Eni Orlandi realiza um deslocamento em relação à noção de autor produzida por Foucault. Enquanto ele guarda a noção de autor para situações enunciativas especiais, Orlandi procura estender a noção de autoria para o uso corrente, enquanto função discursiva do sujeito, distinta da de enunciador e de locutor. Enquanto para Foucault a função autor se limita a um quadro restrito e privilegiado de produtores originais de linguagem, para Orlandi a função autor se realiza toda vez que o produtor de linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não contradição e fim.

No tópico “A análise: dispositivo e procedimentos”, a autora desenvolve uma discussão sobre os procedimentos da AD, retomando algumas noções que já havia abordado ao longo do texto, porém o faz de forma mais aprofundada. Nesse espaço, Orlandi explicita que “as etapas de análise têm, como seu correlato, o percurso que nos faz passar do texto ao discurso, no contato com o *corpus*, o material empírico” (p. 77). Ainda para ilustrar a relação do analista com o dispositivo teórico e os dispositivos analíticos, retoma, mais uma vez, o enunciado/exemplo “Vote sem medo” e a sua paráfrase “Vote com coragem” (p. 81).

Depois de distinguir e explicar diferentes modos de funcionamento do discurso (discursos autoritário, polêmico e lúdico), Orlandi afirma não haver um discurso que seja puro. Para ela, é necessário evitar-se categorizações, etiquetas

definidoras, sendo possível dizer que um “discurso tem um funcionamento dominante autoritário, ou tende para o autoritário” (p. 87).

Eni Orlandi discute, brevemente, sobre os campos de conhecimento que comungam pelo fato de tratarem da exterioridade da linguagem: Enunciação, Pragmática, Argumentação e Discurso. A autora alerta que há diferenças muito nítidas entre esses campos, embora todos se distingam em relação a uma abordagem linguística imanente. Para isso, retoma o modo como a AD concebe o sujeito: “linguístico-histórico, constituído pelo esquecimento e pela ideologia” (p. 91). Nessa perspectiva, não é um sujeito origem de si. Também explicita que o exterior da linguagem para a teoria em pauta é o interdiscurso e não o fora como nas outras teorias citadas. Assim, a Análise de Discurso está deveras marcada pela distinção teórica, incluindo as noções de língua e de ideologia, e pelos procedimentos analíticos, acarretando em práticas diversificadas.

Em sua conclusão, entre outros pontos, Eni Orlandi argumenta que o percurso percorrido na obra proporciona ao leitor uma fundamentação mínima para uma leitura em Análise de Discurso. É com esta intenção que apresenta desde a construção dos conceitos até os procedimentos de análise.

Para finalizar, é necessário ressaltar que o que foi exposto pela autora e o modo como discute e exemplifica os princípios teórico-analíticos da Análise de Discurso possibilita de forma efetiva que os leitores se situem melhor no confronto com “a linguagem e, por ela, com o mundo, com os outros sujeitos, com os sentidos, com a história” (p. 11).